

Nova classe média muda a cara da Índia

Fabiana Batista

Com abertura e crescimento da economia, renda cresce e começa a mudar padrões sociais e culturais

Há duas décadas e meia trabalhando para o governo da Índia, o funcionário público S. R. Bose, de 60 anos, foi surpreendido nos últimos três a quatro anos com sucessivos aumentos de salário. Desde 2007, seus ganhos praticamente dobraram, diz.

Ele não foi promovido nem fez nenhum curso de aperfeiçoamento para merecer tanta generosidade de sua chefia. Bose foi apenas um entre milhares de funcionários públicos indianos que tiveram seus salários elevados nos últimos anos como estímulo para não migrar para as muitas companhias privadas que se instalaram no país a partir de 1999, com a abertura da economia indiana.

O que se passou com Bose foi um movimento em cadeia de crescimento da economia do país e da renda dos cidadãos indianos. Esse movimento vem dando espaço para uma transformação econômica e social responsável por uma verdadeira explosão da classe média do país.

Para Bose, a nova geração, com emprego e mais dinheiro no bolso, já não está tão ligada a algumas tradições, como a do casamento, por exemplo. "Eles querem consumir, se divertir e aproveitar a vida", diz Bose sobre seu filho que, com 28 anos, não faz ainda planos matrimoniais.

As precárias estatísticas indianas ajudam a explicar o que está acontecendo. Somente neste ano fiscal, que vai até o fim de março, a renda pessoal da população indiana deve subir 17,3%, segundo o governo. Em termos reais, esse crescimento será de 6,7%. Em valores nominais, significa que cada indiano embolsou no ano 54 mil rúpias (US\$ 1,2 mil), o que pode parecer pouco aos padrões do Brasil, onde a renda por habitante está próxima de US\$ 10 mil, mas é uma boa evolução ante as 46,4 mil rúpias (US\$ 1,025 mil) de um ano atrás.

Com renda maior, os indianos estão consumindo mais. Shoppings centers e centros de compras, que três ou quatro anos atrás eram raros no país, hoje fazem parte do cenário das cidades. O uso de celulares cresceu 47% somente de 2007 para 2008, último dado disponível do Banco Mundial, para 346 milhões de usuários - o dobro dos existentes no Brasil, que tem com um quinto da população indiana.

Internet e TV a cabo também há três anos fazem parte do dia a dia de Bose, o funcionário público que dobrou seus rendimentos nos últimos anos na carona do avanço da iniciativa privada.

Em 2011 ele também comprou um carro da gigante indiana Tata Motors, outro bem de consumo que ganha mais espaço nas já caóticas ruas do país.

Hoje em dia são vendidos 42% de veículos a mais por ano do que há sete anos, segundo a Sociedade Indiana da Indústria Automobilística (Siam, na sigla em inglês) - equivalente a Anfavea no Brasil. Somente entre veículos de passageiros e para fins comerciais (leves) foram 2,9 milhões de unidades no ano fiscal passado, acima das vendas registradas no Brasil, que foram de 2,52 milhões de veículos em 2009.

Também no campo, parte da agricultura iniciou a migração da era rudimentar, dos carros puxados por bois, para aquisição de tratores, caminhões e implementos agrícolas. Em 2007, 3,15 milhões de máquinas e implementos estavam sendo usados no campo, segundo o Banco Mundial. Em 1998, antes da abertura da economia indiana, esse número era de 1,79 milhão.

Em algumas áreas rurais, falta até mão de obra no campo, porque, com o aumento da renda, os indianos estão partindo para atividades de menor esforço braçal, como as industriais.

A entrada de companhias internacionais no país começou em 1999, com a política do primeiro-ministro indiano Manmohan Singh, naquela época titular da pasta de Finanças.

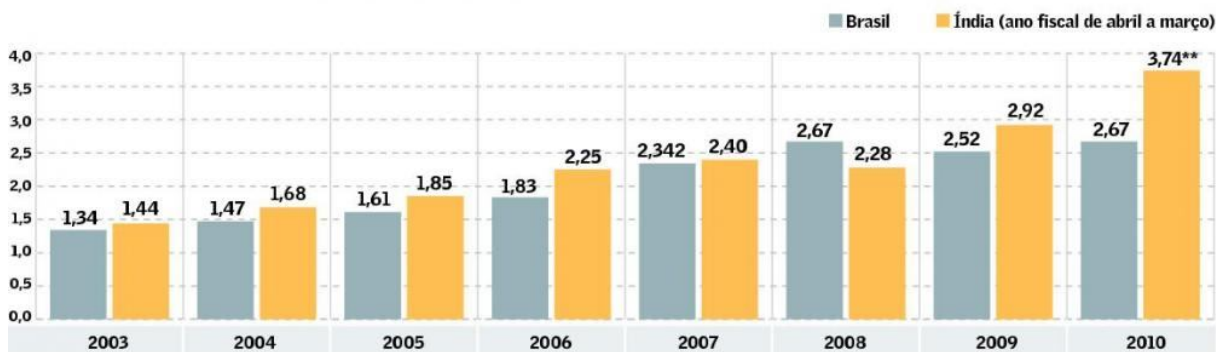
Algumas brasileiras pegaram carona nesse no bom momento econômico da Índia. Entre elas a Marcopolo, que se uniu à gigante indiana Tata Motors para criar em 2007 a Tata Marcopolo Motors, com duas fábricas instaladas no país - nos Estados de Uttar Pradesh e Karnataka.

Os ônibus urbanos da empresa estão por toda a capital, Nova Déli, e fazem contraste com os antigos veículos de transporte coletivo indiano. Para percorrer até 6 quilômetros em um ônibus Tata Marcopolo com ar condicionado, o cidadão de Nova Déli paga o dobro do que custa o transporte coletivo convencional. São US\$ 0,22 (10 rúpias), antes eram US\$ 0,11 para o mesmo ônibus, sem ar refrigerado.

Os indianos também estão investindo para ampliar a produção de água potável. Uma empresa brasileira - a catarinense WEG - inaugurou em fevereiro uma fábrica de motores elétricos que vão compor bombas de água produzidas por uma companhia indiana. O produto final será destinado a um projeto de distribuição de água potável em Bangalore.

Venda de carros no Brasil e na Índia

Em milhão de unidades*



Fonte: Anfavea/ Siam. * Brasil: vendas de automóveis e veículos comerciais leves/ Na Índia, automóveis, veículos comerciais e três rodas (Rickshaw). ** estimativa de mercado

Com alta da renda, inflação também sobe e aperta o bolso dos indianos

O aumento da renda também trouxe a alta do custo de vida na Índia. No último trimestre, a economia do país asiático cresceu 8,2%, a mais robusta expansão depois da China entre as grandes economias, segundo informações do governo. Por outro lado, a taxa da inflação do atacado foi de 9,4% nos nove meses encerrados em dezembro, o maior da última década, segundo dados do Ministério das Finanças.

Na linguagem do consumidor comum, isso significa preços mais altos de combustível, serviços e de alimentos. A cebola, um indispensável item da culinária indiana, está atualmente por volta de 20 rúpias (US\$ 0,44) por quilo, ante 8 rúpias (US\$ 0,18) de um ano atrás, relata B. T. Kale, um pequeno comerciante de cebola e alho de um mercado popular do centro de Mumbai.

Ele conta que, há pouco mais de um mês, os preços atingiram níveis nunca vistos antes, de 80 rúpias por quilo (US\$ 1,80), porque o clima foi extremamente desfavorável nas áreas de cultivo de cebola. Movimento semelhante também vem ocorrendo com tomate, couve flor e outros vegetais. "O tomate, que há um ano eu vendia a 12 rúpias (US\$ 0,27), agora está em 20 rúpias (US\$ 0,44)", conta Kale, de 71 anos.

O funcionário público de Calcutá S.R. Bose reclama dos preços mais altos do óleo de soja. Há dois anos, lembra ele, uma lata de óleo vegetal custava 50 rúpias (US\$ 1,10) e hoje está na casa de 70 rúpias (US\$ 1,54). "Usávamos três litros por mês. Viemos reduzindo e agora estamos usando a metade do que consumíamos há 2 anos", diz.

Atacante brasileiro vira ídolo em Calcutá

A terra do críquete tem um rei do futebol. E, como não podia deixar de ser, ele é brasileiro. José Marcio Barreto Ramirez é em Calcutá, leste da Índia, nada mais nada menos do que o "Barreto" ou "Bareto" no sotaque local, o ídolo da torcida do Mohum Bagan Athletic Club.

Há dez anos, o time dividia com o East Bengal o título de maior clube de futebol da Índia, por serem os únicos a ter grandes patrocinadores. Com o crescimento do país, mais empresas passaram a apoiar o esporte na Índia, que hoje tem quatro grandes clubes, todos de Calcutá, que virou o reduto do futebol indiano.

Nos gramados locais, Barreto é absoluto. Nas ruas, as crianças gritam o seu nome.

Barreto protagonizou essa história do crescimento do esporte em Calcutá. Foi o primeiro jogador brasileiro a chegar à cidade, em dezembro de 1999. Natural de Bagé, no Rio Grande do Sul, ele já tinha jogado no Grêmio, de Porto Alegre, passou por clubes de São Paulo, mas não conseguiu ser fixar em nenhum deles.

Evangélico, em 1999 estava em um Congresso dos Atletas de Cristo, em São Paulo, quando foi indicado a uma vaga para atacante do Mohum Bagan. Apesar de não saber nada sobre a Índia, Barreto, que na época já tinha sua primeira filha, resolveu arrumar as malas e aceitar o desafio.

Ele começou a jogar futebol profissionalmente aos 15 anos e aos 23 chegou a Calcutá. "Não havia quase nada, nem shopping, nem supermercados e nem as boas escolas que há hoje", conta.

O colégio onde suas duas filhas estudam, no bairro South Lake, começou a funcionar há cerca de dois anos e é considerado uma escola de alta qualidade, com bons professores e ensino em língua inglesa, conta Barreto. "E eu pago muito pouco. A mensalidade equivale a R\$ 170 por mês."

Mas nos primeiros três dias de treino oficial no Mohum Bagan, Barreto não agradou muito o treinador, recorda. "Eu vinha de um período contundido e, portanto, sem treinar muito. Acho que meu desempenho caiu um pouco", avalia. Os indianos, diz, também são um pouco imediatistas, querem resultado logo. "E, por ser brasileiro, despertei muita expectativa."

Mais tarde, com mais treinamento, Barreto começou a render. Quando chegou ao Mohum Bagan, o time estava na quinta colocação na Liga Nacional, o equivalente ao Campeonato Brasileiro. Em sua primeira temporada no clube, ele e um jogador do Uzbequistão fizeram a dobradinha que levou o time ao título com duas rodadas de antecedência.

"A gente levava tudo, todos os campeonatos. Fomos campeões da Liga Nacional também no ano seguinte", lembra Barreto. Foram anos de vitórias consecutivas, a torcida voltou aos estádios e o atacante brasileiro marcava então seu nome na história do futebol de Calcutá.

Em um belo apartamento em Calcutá, carros e motorista, Barreto não revela o valor de seu contrato, mas afirma que é o equivalente a de um atacante da primeira divisão no Brasil.

Nos últimos anos, seu salário aumentou 50% ao ano, fruto do seu futebol e do crescimento do próprio esporte na região e em toda a Ásia. "Até há alguns anos, apenas o Mohum Bagan e o East Bengal tinham grandes patrocinadores. Isso mudou. Clubes emergiram e a competição por jogadores aumentou. Todos os salários também subiram", conta.

O patrocinador do Muhum Bagan é a McDowell, uma empresa indiana de água engarrafada e whisky. Pertence ao mesmo grupo controlador da companhia aérea indiana Kingfisher, que também tem também entre seus negócios a mineradora Dempo - que patrocina outro clube de futebol.

Em dias de clássico, os estádios lotam. A audiência pela TV, no entanto, ainda está distante das atingidas pelos tradicionais jogos de críquete, o esporte mais popular da Índia e herança da colonização britânica. Mas, depois de Barreto, outros cinco jogadores brasileiros já passaram a integrar o elenco de clubes de futebol da capital do Estado de Bengala. Pelo menos para eles, Calcutá já se tornou um pedaço do Brasil. (FB)

Metade do país vive na pobreza

Um passeio pelas avenidas e rodovias indianas, ainda que as mais importantes e centrais, deixa claro que a pobreza continua muito presente no país. Apesar de crescimento econômico, 41,6% da população ainda vive com menos de US\$ 1,25 por dia, segundo o Banco Mundial. No Brasil, por exemplo, o percentual está em incômodos 5%.

Na área rural, sobretudo ao Norte da Índia, multidões se aglomeram nos acostamentos das estradas, em uma paisagem que reúne no mesmo lugar muita sujeira, alimentos, esgoto e animais.

Água potável ainda é inacessível a todos. Nas cidades, pessoas se amontoam em cabanas, que mais parecem tocas construídas em muros. Também se espremem nos rickshaws (automóveis de três rodas) dividindo espaço com mais de uma dezena de pessoas, onde caberiam, no máximo, quatro.

A expectativa de vida do indiano é a mais baixa entre os Bric: 64,4 anos. No Brasil, esse indicador é de 72,9 anos; na Rússia, de 67,2 anos; e na China, de 82,5 anos.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 10 mar. 2011, Primeiro Caderno, p. A20.

A utilização deste artigo é exclusiva do *Insights & Analytics*